

## COPA: BALANÇO FINAL

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

Os fatos estão aí. Resta agora analisá-los numa operação própria dos seres racionais. Ver o que está errado e consertar. Ver o que está certo e melhorar.

Primeiro. Chega de buscar culpados. O que temos de procurar são as falhas. O técnico Luiz Felipe Scolari fez o que pode. Explicou suas táticas, tentou colocá-las em prática. Não deu certo. Com ele ou com outro técnico, temos que inventar novos procedimentos e renovar. Perdemos porque o adversário foi melhor. E pronto.

Segundo. Futebol hoje é também empresa. Uma atividade que envolve bilhões de reais. Uma montanha de dinheiro. É preciso administrá-lo com critério e inteligência. Só para o preparo, torramos 15 bilhões. Ser campeão custa caro. Ou aprendemos a dominar os custos, ou nada faremos.

Terceiro. Temos que moralizar as instituições que cuidam do futebol: times, federações, confederações, pois são agentes da administração esportiva em sentido amplo. Só funcionará o futebol que for bem dirigido. As improvisações são fatais e incompatíveis com o êxito.

Quarto. Planificação. Esporte se ganha com treinos e experiências concretas. Está claro que uma seleção que quer ser vitoriosa tem que se preparar muito antes. Os alemães trabalharam duro por 10 anos. Agora colheram o resultado. Temos que descobrir os talentos e mantê-los no Brasil, oferecendo-lhes vantagens. Quase todos os jogadores alemães estão em times da Alemanha da Europa, onde não há distâncias. Têm entrosamento e senso coletivo. Não se amontoam nos dias de competição. Já formam naturalmente um conjunto que entra em campo de modo integrado e unido.

Quinto. Não precisamos abandonar o futebol-arte. Mas temos que aprender também o futebol-esforço, baseado na condição física. Correr

com arte é o ideal. O jiu jitsu da família Gracie é o melhor exemplo. De início, venceram com a arte as competições do MAA. Os americanos a aprenderam e conciliaram-na com a força. Hoje os Estados Unidos predominam nas artes marciais mistas e superaram a escola Gracie. Com o futebol fizeram a mesma coisa os europeus.

Quinto. A seleção precisa de psicólogos e especialistas em comportamento. A emoção excessiva é um grande mal. Um ex-jogador alemão, em recentes declarações na imprensa, criticou este excesso: a seleção chorava quando ouvia o hino nacional, quando ganha, quando perdia, quando dava entrevistas. Evidentemente, numa disputa qualquer, física ou intelectual, ou as duas coisas, as pessoas serenas e bem preparadas levam a melhor. É difícil conciliar razão e sensibilidade. Mas é preciso tentar.

Sexto. O comportamento da torcida também ajuda muito. As vaias são desestimulantes e perturbadoras. O atleta se sente derrotado e sozinho. Dói-lhe o desprezo de seus admiradores. Além da perda, a rejeição. Isto é evidentemente uma grande carga negativa, difícil de suportar.

Conclusão. Esporte hoje é profissionalismo, preparo, ciência, treinamento. Se formos capazes disto tudo, seremos novamente campeões. Caso contrário, viveremos sempre dependentes da Europa, vendo suas vitórias sem aprender com nossas derrotas.